



**hilda hilst**

**da poesia**

Copyright dos textos e das ilustrações © 2017 by Daniel Bilenky Mora Fuentes

A editora agradece a colaboração de Vilma Arêas, Berta Waldman, Agência Riff, Lygia Fagundes Telles, IMS e *Jornal do Brasil* (CPDOC IB).

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e projeto gráfico*

Elisa von Randow

*Foto de capa*

Fernando Lemos

*Foto da página 553*

Fotógrafo não identificado, c. 1960/ Acervo Lygia Fagundes Telles/ Instituto Moreira Salles

*Ilustrações*

Hilda Hilst, Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, CEDAE (IEL, Unicamp)

*Pesquisa de inéditos*

Julia de Souza

*Estabelecimento de texto*

Leusa Araujo

*Preparação*

Heloisa Jahn

*Revisão*

Huendel Viana

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hilst, Hilda, 1930-2004

Da poesia / Hilda Hilst. — 1ª ed. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2017.

ISBN: 978-85-359-2885-3

1. Poesia 2. Poesia brasileira 1. Título.

17-01691

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.1

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

- 10 Apresentação
- 15 Presságio (1950)
- 39 Balada de Alzira (1951)
- 59 Balada do festival (1955)
- 79 Roteiro do silêncio (1959)
- 113 Trovas de muito amor para um amado senhor (1960)
- 133 Ode fragmentária (1961)
- 161 Sete cantos do poeta para o anjo (1962)
- 169 Trajetória poética do ser (I) (1963-1966)
- 197 Odes maiores ao pai (1963-1966)
- 205 Iniciação do poeta (1963-1966)
- 215 Pequenos funerais cantantes ao poeta  
Carlos Maria de Araújo (1967)
- 221 Exercícios para uma ideia (1967)
- 227 Júbilo, memória, noviciado da paixão (1974)
- 301 Da morte. Odes mínimas (1980)
- 351 Cantares de perda e predileção (1983)
- 405 Poemas malditos, gozosos e devotos (1984)
- 427 Sobre a tua grande face (1986)
- 437 Amavisse (1989)
- 453 Via espessa (1989)
- 461 Via vazia (1989)
- 467 Alcoólicas (1990)
- 477 Do desejo (1992)
- 485 Da noite (1992)
- 491 Bufólicas (1992)
- 507 Cantares do sem nome e de partidas (1995)
- 517 Poemas inéditos, versões e esparsos
- 532 Posfácio — Victor Heringer
- 551 Lygia Fagundes Telles sobre Hilda Hilst
- 557 De Caio Fernando Abreu para Hilda Hilst
- 563 Hilda Hilst, o excesso em dois registros — Vilma Arêas  
e Berta Waldman
- 570 Sobre a autora
- 572 Índice de títulos e primeiros versos

# Apresentação

**PRESSÁGIO — POEMAS PRIMEIROS** foi lançado quando Hilda Hilst tinha vinte anos. A obra, publicada em São Paulo em 1950 pela Revista dos Tribunais, com ilustrações de Darcy Penteado, deu início a uma extensa produção que, a partir da década de 1960, passaria a abarcar também peças de teatro e, em 1970, títulos de ficção. Mas foi na poesia que Hilda começou sua carreira. Entre *Presságio* e *Cantares do sem nome e de partidas*, de 1995, sua lavra poética se estenderia por volumes frequentemente ilustrados, publicados por pequenas editoras ao longo de quase cinco décadas.

O segundo livro de Hilda, *Balada de Alzira*, veio a lume em 1951, num intervalo de apenas um ano em relação ao primeiro. Dessa vez o título, publicado pela também paulistana Edições Alarico, incluía ilustrações de Clóvis Graciano. O terceiro volume, que saiu em 1955 pela editora carioca Jornal de Letras, fecharia uma espécie de trilogia de formação. *Balada do festival* concluiu a primeira fase da poesia de Hilda, que, experimentando gêneros variados, encontrou na balada uma de suas formas de predileção: com os cantos de amor e de amizade ela retratou a “paisagem sem cor dentro de mim”, anunciada nas lamentações de partida e nas asombrações com a solidão e a morte.

Os três livros seguintes — *Roteiro do silêncio*, de 1959, *Trovas de muito amor para um amado senhor*, de 1960, e *Ode fragmentária*, de 1961 — foram publicados pela mesma editora de São Paulo, a Anhambi. Nesses volumes, Hilda proclama: “Não cantarei em vão”. Os poemas retomam o apreço pelas formas clássicas, com canto medieval e intensa dedicação ao amado. *Sete cantos do poeta para o anjo*, de 1962, ilustrado por Wesley Duke Lee, apontou o início de uma profícua parceria entre Hilda e Massao Ohno — amigo, editor e um dos principais entusiastas de sua poesia.

Em 1967, a obra de Hilda foi recolhida pela Livraria Sal, de São Paulo, em um único tomo intitulado *Poesia (1959/1967)*. É possível perceber algumas modificações se as primeiras edições forem comparadas com esta coletânea, sobretudo na estrutura: os três primeiros títulos ficaram de fora da compilação, que tem início em *Roteiro do silêncio*. A reunião abrange, além dos títulos mencionados, *Trajetória poética do ser (I)*, *Odes maiores ao pai*, *Iniciação do poeta*, *Pequenos funerais cantantes ao poeta Carlos Maria de Araújo* e *Exercícios para uma ideia*, livros que não haviam sido publicados de modo avulso.

*Júbilo, memória, noviciado da paixão*, lançado em 1974 por Massao Ohno, ilustrado por Anésia Pacheco Chaves, introduz uma nova fase de Hilda. Há, nesse livro, a mesma estima pela tradição lírica e a veia apaixonada que consolidou sua obra, mas com uma diferença singular: é o primeiro livro de poesia posterior à sua estreia na prosa. Pouco antes de *Júbilo*, ela mergulhou intensamente no teatro, escrevendo oito peças no fim dos anos 1960, e se dedicou também a dois livros de ficção, *Fluxo-Floema* (1970) e *Qadós* (1973).

Publicado em 1980 por Massao Ohno e Roswitha Kempf Editores, *Da morte. Odes mínimas* também traz uma novidade: os poemas são ilustrados com seis aquarelas da própria Hilda. O conjunto inaugura sua segunda compilação, que deu conta de vinte anos de produção em *Poesia*

(1959/1979), lançada no mesmo ano de 1980 pelas Edições Quíron e pelo Instituto Nacional do Livro.

*Cantares de perda e predileção*, publicado em 1983 por Massao Ohno em parceria com M. Lydia Pires e Albuquerque, reúne setenta poemas que tematizam a morte, o sacrifício e a espiritualidade. No ano seguinte, em 1984, o editor Massao Ohno, em colaboração com Ismael Guarnelli Editores, lançou *Poemas malditos, gozosos e devotos*. Se nas odes ilustradas do livro de 1980 Hilda interpela diretamente a morte, em *Poemas malditos* seu interlocutor imediato é a busca por uma ideia de Deus.

A incapacidade de dar nome a Ele é o fio que conduz *Sobre a tua grande face*, publicado em 1986 por Massao Ohno, com grafismos de Kazuo Wakabayashi. *Amavisse*, *Via espessa* e *Via vazia* formariam uma trilogia lançada em 1989 por Massao Ohno sob o título *Amavisse*. Em tom metafísico, o livro elabora a perda do amor e o lugar ocupado pelo desejo. Em entrevista ao *Correio Popular*, de Campinas, em maio de 1989, a autora definiu este como sua “despedida”: “não vou publicar mais nada, porque considerei um desaforo o silêncio”.<sup>1</sup> A reunião, acrescida de *Sobre a tua grande face*, *Do desejo*, *Da noite* e *Alcoólicas* — este último publicado em 1990, com ilustrações de Ubirajara Ribeiro, pela editora paulistana Maison de Vins —, daria corpo a um novo livro, concebido pela própria autora. O conjunto dos sete volumes resultou em *Do desejo*, publicado em 1992 pela editora Pontes, de Campinas.

No mesmo ano saiu *Bufólicas*, com desenhos de Jaguar, lançado por Massao Ohno. O volume encerra a tetralogia obscena, composta por esse livro de poesia e três de prosa, que marcam a fase em que Hilda disse “adeus à literatura séria”: *O caderno rosa de Lori Lamby*, de 1990, *Contos d’es-*

1 *Fico besta quando me entendem*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013. p. 105.

*cárnio/ Textos grotescos*, de 1990, e *Cartas de um sedutor*, de 1991. Depois dessas fábulas parodiadas, com altas doses de humor, Hilda lançou em 1995, com Massao Ohno, sua última e breve coletânea de dez poemas, reunidos em *Cantares do sem-nome e de partidas*. Sua última compilação em vida, publicada em parceria de Massao Ohno e Edith Arnhold em 1999, é *Do amor*.

Em 2001, a obra de Hilda passou a ser publicada pela Globo, editora de amplo alcance que agrupou sua lavra poética em oito tomos, organizados pelo crítico Alcir Pécora.

No presente volume, que reúne pela primeira vez toda a poesia de Hilda, a ordem cronológica dos livros foi mantida. Acrescentamos uma seleção de versões e esboços de poemas inéditos, recolhidos na Casa do Sol e na Unicamp, para observar de perto o processo criativo da poeta que, com frequência, inventava palavras — é o caso de “malassombros”, “mesmismo” e “correirice”, além de aglutinações como “porriso” e “vezenquando”.

Este livro cobre, assim, um arco de intensa atividade de Hilda, que se dedicou apaixonadamente à poesia ao longo de 45 anos. Em entrevista ao *Suplemento Literário de Minas Gerais*, em abril de 2001, ela ponderou sobre sua poética: “Não é que eu queira uma aceitação do público. Mas quando a gente vai chegando à velhice como eu, com setenta anos, dá uma pena ninguém ler uma obra que eu acho maravilhosa. Fico besta de ver como as pessoas não entendem o que escrevi. Recuso-me a dar explicações. Falam coisas absurdas, que a minha obra não tem pontuação, não tem isso, não tem aquilo... Acho desagradável ter que falar sobre a minha obra, é muito difícil. Sei escrever”<sup>2</sup>

2 Op. cit., p. 219.

### **Nota dos editores**

Embora *Da poesia* organize a obra poética de Hilda Hilst pela cronologia, é importante destacar que nem todos os títulos foram publicados pela autora em volumes avulsos. *Trajectoria poética do ser (I)*, *Odes maiores ao pai*, *Iniciação do poeta*, *Pequenos funerais cantantes ao poeta Carlos Maria de Araújo* e *Exercícios para uma ideia* foram incluídos na compilação *Poesia (1959/1967)*, editada pela Livraria Sal em 1967. *Via espessa* e *Via vazia* tampouco saíram como títulos autônomos: acrescidos de *Amavisse*, foram lançados como trilogia sob o título *Amavisse*, em 1989, pela editora Massao Ohno. Por último, *Da noite* integra a reunião *Do desejo* (editora Pontes, 1992), que abrange, além desses dois títulos, *Amavisse*, *Alcoólicas* e *Sobre a tua grande face*.

# PRESSÁGIO



**poemas primeiros (1950)**

*À minha mãe*

*Voltando (porque tua volta sinto-a num presságio) acenderei luzes  
na minha porta e falaremos só o necessário.*

*Terás pão e vinho sobre a mesa.*

*Virás acabrunhado (quem sabe) como o filho que retorna.*

*Nesse dia, a lamparina de teu quarto deixarás que fique acesa a  
noite inteira.*

*O amor sobrevive.*

*E seremos talvez amor e morte ao mesmo tempo.*

I

Stela, me perguntaram  
se permaneces no tempo.  
Se teu rosto de coral  
e teus cabelos de pedra  
ficarão indefinidos  
no espaço, pedindo sol.

Ainda ontem te vi.  
Olhar quase estagnado.  
Descias azuis escadas  
com aquele teu xale verde.  
Aquele xale de Stela  
parecia feito d'água:  
verde aguado, verde aguado.

Debaixo dos teus dois braços  
trazias rosas molhadas.

Aquelas rosas de Stela  
e Stela me perguntando  
se a morte é cousa que passa.

Stela, que desconsolo.  
Não sabes onde termina  
a aurora de tua presença.

No tempo, se é que existes,  
só ficarás peregrina.

Como pesa: Stela e eu.

## II

Me mataria em março  
se te assemelhasses  
às cousas perecíveis.  
Mas não. Foste quase exato:  
doçura, mansidão, amor, amigo.

Me mataria em março  
se não fosse a saudade de ti  
e a incerteza de descanso.  
Se só eu sobrevivesse quase nula,  
inerte como o silêncio:  
o verdadeiro silêncio de catedral vazia,  
sem santo, sem altar. Só eu mesma.

E se não fosse verão,  
e se não fosse o medo da sombra,  
e o medo da campa na escuridão,  
o medo de que por sobre mim  
surgissem plantas e enterrassem  
suas raízes nos meus dedos.

Me mataria em março  
se o medo fosse amor.  
Se março, junho.

### III

Gostaria de encontrar-te.

Falar das cousas  
que já estão perdidas.

Tuas mãos trementes  
se desmanchariam  
na sonoridade  
dos meus ditos.

Faria de teus olhos  
luz,  
de tua boca  
um eco.

Nos teus ouvidos  
eu falaria de amigos.

Quem sabe se amarias escutar-me.

### IV

Brotaram flores  
nos meus pés.  
E o quotidiano  
na minha vida  
complicou-se.

Diferença triste  
aborrecendo o andar  
de minhas horas.  
Rosa Maria  
tem flores na cabeça.  
Maria Rosa as leva no vestido.  
E esse nascer de flores  
nos meus pés,  
atrai olhares de espanto.

Ainda ontem  
me vieram dizer  
se eu as vendia.  
Meus pés iriam  
com flores andar  
sobre o teu silêncio.  
Tua vida  
no meu caminho,  
na caminhada grotesca  
daqueles meus pés floridos.

De tanto serem zombadas  
morreram adolescentes.  
Pobres pés, pobres flores.  
murcharam ontem,  
hoje secaram.

E o quotidiano  
na minha vida  
complicou-se.

## V

Amargura no dia  
amargura nas horas,  
amargura no céu  
depois da chuva,  
amargura nas tuas mãos

amargura em todos os teus gestos.

Só não existe amargura  
onde não existe o ser.

Estão sendo atropelados  
em seus caminhos,  
os que nada mais têm a encontrar.  
Os que sentiram amargura de fel  
escorrendo da boca,  
os que tiveram os lábios  
macerados de amor.  
Estão terrivelmente sozinhos  
os doidos, os tristes, os poetas.

Só não morro de amargura  
porque nem mais morrer eu sei.

## VI

Água esparramada em cristal,  
buraco de concha,  
segredarei em teus ouvidos

os meus tormentos.  
Apareceu qualquer coisa  
em minha vida toda cinza,  
embaçada, como água  
esparramada em cristal.  
Ritmo colorido  
dos meus dias de espera,  
duas, três, quatro horas,  
e os teus ouvidos  
eram buracos de concha,  
retorcidos  
no desespero de não querer ouvir.

Me fizeram de pedra  
quando eu queria  
ser feita de amor.

## VII

Maria anda como eu:  
Impossibilitada de fazer  
tudo o que quer.

Tem mãos amarradas,  
ar de doente, olhar de demente,  
cansada.

Maria vai acabar como eu:  
covarde nas decisões,  
amante das cousas indefinidas  
e querendo compreender suicidas.

Maria vai acabar assim sem rumo,  
andando por aí,  
fazendo versos  
e tendo acessos  
nostálgicos.

Maria vai acabar  
bem tristemente.  
De qualquer jeito,  
lendo jornais,  
tendo marido  
indefinido.

(Não sei por que Maria  
quer compreender  
muito, demais,  
a vida do suicida.  
E Maria vai acabar  
se fartando da vida.)

A vida, coitada,  
é camarada, gosta de Maria,  
quer fazer Maria viver mais,  
porque Maria é desgraçada.  
Quer deixá-la para o fim,  
assim à mostra,  
e eu francamente não entendo  
por que Maria não gosta  
da vida.

## VIII

Canção do mundo  
perdida na tua boca.

Canção das mãos  
que ficaram na minha cabeça.

Eram tuas e pareciam asas.

Pareciam asas  
que há muito quisessem repousar.

Canção indefinida  
feita na solidão  
de todos os solitários.

Os homens de bem  
me perguntaram  
o que foi feito da vida.

Ela está parada.  
Angustiadamente parada.

O que foi feito  
da ternura dos que amaram...

Ficou na minha cabeça,  
nas tuas mãos que pareciam asas.  
Que pareciam asas.

## IX

Colapso hibernal  
das cousas ausentes.  
Desfila diante de mim  
o teu olhar parado.  
Na minha frente  
há figuras de mortos  
tecendo roupas brancas,  
e na tua vida  
há qualquer cousa de triste  
que não foi contado.

Coragem de viver os dias  
sem falar de loucos  
quando há qualquer louco  
no infinito,  
pedindo uma lembrança  
e contei os seus dias de vida  
nos meus sonhos.

Existe um deus qualquer  
nas minhas entranhas.

Pobre loucura  
atrofiando o amor da amada.  
Teu pobre olhar  
atrofiou minha vida inteira.

## X

Olhamos eternamente  
para as estrelas  
como mendigos  
que eternamente  
olham para as mãos.

E imaginamos  
cousas absurdas  
de realização.  
Cousas que não existem  
e cujo valor  
é o de consistirem  
parte da ilusão.

E olhamos eternamente  
para as estrelas  
porque parecem diferentes.  
E quando agrupadas  
eu as revejo individualizadas.  
Estrelas... só.  
Quem sabe se naquela imensidão  
elas sofrem o mal dissolvente,  
passivo,  
mas dissolvente ainda: solidão.

Brilham para o mundo.  
No entanto estão sozinhas  
na lúgubre fantasia de pontas.

Nunca, meditem,  
nunca as encontraremos  
pois elas olham

igualmente para nós  
e nos desejam  
porque estão sós.

## XI

Quando terra e flores  
eu sentir sobre o meu corpo,  
gostaria de ter ao meu lado tuas mãos.  
E depois, guardar meus olhos dentro delas.

## XII

Dia doze... e eu não suportarei  
o estado normal das cousas.  
O ano que vem, não vou desejar  
felicidades a ninguém.

Nem bom natal, nem boas entradas.

Meus amigos sabem de tudo o que eu sei.  
E continuam a viver sem interrupção,  
apressadamente como no ato do amor.  
São doidos e não percebem que amanhã  
Cristina não virá.  
Que amanhã Cristina vai morrer  
porque ama a vida.

Amanhã serei corajosamente Cristina.  
Eu, amando todos os que sofrem.  
Eu... essência.

Mas os meus amigos, coitados,  
não percebem.  
Fazem filhos nascer, fazem tragédia.  
Não sabem que o amor não é amor  
e a natureza é um mito.

Não sabem de nada os meus amigos.  
E não vou explicar  
porque podem ficar sentidos.  
São puros, vão morrer como anjos.  
Vão morrer sem nada saber  
daqueles dias perdidos.

Vão morrer sem saber que estão morrendo.

### **XIII**

Me falaram de um deus.  
Eu chorava na quietude  
dos dias sós.

A irmã morta sorria  
o riso pálido dos santos.

Me falaram de um deus.  
Deus em branco.  
Deus que faz de flores, pedras.  
E de pedras, compreensão.

Deus amargurado.  
Chora e geme  
na quietude dos dias sós.

Consolo.

#### XIV

Fui monja  
vestida de negro  
em labirinto azul.

Antes do Ser  
havia um homem  
consciente  
destruindo o lirismo  
descuidado  
das minhas madrugadas.

Estava presente  
nas conversas dos bares  
— solitárias histórias.  
Estava presente  
na fusão dos homens medíocres  
e dos homens sem cor.

Em azul e negro  
eu vi o esboço  
de um caso triste,  
aquele doido  
procurando as mãos.  
As mãos que deixara